

Este livro nasceu de um encontro. Em 1976, ao assistir a *Moby Dick* (1956) na televisão, Wellington Castellucci Junior despertou para uma paixão que o levaria a explorar arquivos, museus e bibliotecas no Brasil e nos Estados Unidos. Ao longo dos anos, essa paixão se traduziu em pesquisa de fôlego, visitas a instituições de referência como a John Carter Brown Library e o Whaling Museum de New Bedford, além de uma contínua interlocução com estudiosos dedicados ao estudo das conexões atlânticas.

Assim como o capitão Ahab perseguiu *Moby Dick*, Wellington Castellucci Junior passou anos procurando as pistas que revelam a história da baleação no Atlântico Sul. Motivado por um desejo incansável de compreender as dinâmicas do passado, ele seguiu os rastros deixados pelos baleeiros nos arquivos, nos relatos de viajantes e nos registros marítimos, reconstruindo meticulosamente uma história que entrelaça economia, meio ambiente e trabalho. Seu livro não apenas ilumina um capítulo fundamental da história marítima, como também nos convida a repensar nossas relações com o mundo natural e com aqueles que, ao longo da história, se aventuraram a navegar por mares de exploração e resistência.

Escrever sobre a caça às baleias no Atlântico Sul é embarcar em uma jornada histórica e reflexiva, explorando as complexas relações entre humanidade, natureza e poder. *Caçadores de baleias: uma história social e do ambiente marinho, 1740-1850* nos permite acompanhar essa trajetória, guiados por uma narrativa que combina rigor acadêmico, sensibilidade histórica e um apurado senso de humanidade. Esta obra transcende as fronteiras da historiografia tradicional para se tornar uma reflexão sobre o impacto da humanidade no planeta e sobre as complexas redes de poder, exploração e transformação que marcaram o Atlântico no século XIX.

O autor nos transporta para um tempo em que o Atlântico Sul pulsava com a atividade constante dos baleeiros majoritariamente estadunidenses. Esses navios partiram da Nova Inglaterra em busca de riqueza e encontraram na costa brasileira um espaço privilegiado para suas incursões. O Brasil, com suas águas ricas em cetáceos e seus portos estratégicos, tornou-se um palco crucial para a baleação. Mas esta história não se limita

às baleias e aos baleeiros. Ela é, antes de tudo, uma história social, uma história de pessoas: de comunidades costeiras que viveram as transformações impostas pela caça comercial; de escravizados que tiveram a vida atrelada ao trabalho extenuante da indústria baleeira; de marinheiros e empreendedores que moldaram os rumos da economia global.

A narrativa desenvolvida por Castellucci Junior nos faz refletir sobre o papel do Atlântico como espaço de circulação, intercâmbio e conflito. A pesca da baleia, longe de ser uma simples atividade comercial, tornou-se um elo fundamental em uma complexa cadeia de produção e consumo que conectava portos, comerciantes, trabalhadores e consumidores em diferentes continentes. A caça às baleias envolvia não apenas aqueles que saíam ao mar, mas também aqueles que processavam e comercializavam seus derivados, como o óleo de peixe, como era chamado, essencial para a iluminação de cidades e o funcionamento de indústrias. Esse mercado global, em grande parte dominado pelos Estados Unidos, fazia parte de um projeto mais amplo de expansão imperial e econômica que redefiniu os rumos da economia atlântica no século XIX.

O grande mérito deste livro reside em sua competência tanto em articular diferentes dimensões da história — social, econômica, ambiental e marítima — como em conectar o local ao global, o individual ao estrutural. Castellucci Junior utiliza uma impressionante variedade de fontes primárias. *Logbooks*, preservados em museus estadunidenses, registros coloniais brasileiros, cartas de marinheiros, mapas náuticos e inventários de carga se entrelaçam para construir uma narrativa ao mesmo tempo detalhada e evocativa. Cada documento consultado, cada detalhe extraído das fontes contribui para formar um panorama que revela tanto as glórias quanto as tragédias da atividade baleeira.

Ao examinar a caça às baleias no Atlântico Sul, este estudo também se insere em um debate historiográfico mais amplo sobre a interação entre economia e meio ambiente na era do desenvolvimento do capitalismo global. A indústria baleeira não pode ser compreendida apenas como um fenômeno econômico isolado, mas sim como parte de um conjunto de transformações que redefiniram a relação entre seres humanos e recursos naturais. No século XIX, a caça intensiva às baleias não apenas modificou os ecossistemas marinhos, mas também se tornou um componente essencial do crescimento industrial e da expansão dos mercados globais. Em muitas cidades portuárias, o óleo de baleia foi um insumo crucial para a iluminação urbana, e sua comercialização criou redes de circulação de capital e trabalho que ligavam os Estados Unidos, a América do Sul, a Europa e até mesmo as terras banhadas pelo Pacífico.

O crescimento da indústria baleeira teve custos humanos e ambientais devastadores. As populações de baleias foram drasticamente reduzidas em um período relativamente curto, e as comunidades costeiras que

dependiam desses animais tiveram de se adaptar a uma nova realidade imposta pela exploração predatória. Ao mesmo tempo, os trabalhadores envolvidos nesse setor, especialmente os marinheiros, muitos deles escravizados e libertos, experimentaram as duras condições de trabalho impostas por uma economia global em expansão, cujas dinâmicas de exploração se estendiam por diferentes continentes e esferas da vida social.

No Brasil, a baleação esteve intimamente ligada ao trabalho escravizado. Cativos desempenhavam papéis fundamentais em todas as etapas do processo, desde a captura dos mamíferos marinhos até o beneficiamento do óleo. Ao explorar essas conexões, Castellucci Junior relaciona a exploração ambiental à exploração humana, revelando como ambas se reforçaram mutuamente no contexto do capitalismo emergente. Esta é uma das contribuições mais significativas do livro: mostrar como as dinâmicas de poder e exploração operam em múltiplas escalas, afetando tanto os grandes sistemas econômicos quanto às vidas dos indivíduos.

A história da caça às baleias também nos ensina sobre as contradições do progresso. No século XIX, os baleeiros eram vistos como pioneiros da modernidade, desbravando oceanos, criando mercados e desenvolvendo novas técnicas de navegação e processamento de recursos naturais. Hoje, no entanto, essa mesma atividade é lembrada como um exemplo extremo da aptidão humana para dizimar ecossistemas inteiros em nome do lucro. O fato de os Estados Unidos, uma vez líderes mundiais na caça às baleias, agora desempenharem um papel central na conservação dessas espécies é um exemplo poderoso de como as sociedades podem mudar. Portanto, esta história nos desafia a reconsiderar nossa relação com o meio ambiente e a buscar formas mais sustentáveis de habitar o mundo.

A riqueza desta pesquisa também reside em sua abordagem narrativa. A escrita de Castellucci Junior documenta os eventos históricos, mas vai além, tornando-os vivos para o leitor. Ele nos transporta para os portos movimentados da Nova Inglaterra, para as armações de baleias na Bahia e para as águas agitadas do Atlântico Sul. Essa capacidade de trazer o passado à vida é uma das marcas registradas do livro e um testemunho da habilidade narrativa do autor.

Por fim, *Caçadores de baleias* é uma obra profundamente humana. Ao documentar os impactos da baleação sobre os cetáceos e os oceanos, dá voz às pessoas cujas vidas foram moldadas por essa indústria: trabalhadores escravizados, marinheiros imigrantes e empresários ambiciosos aparecem como personagens centrais nesta narrativa, cada um com suas próprias histórias, desafios e esperanças, histórias essas que nos lembram que, por trás dos números e das estatísticas, sempre estão vidas humanas, com toda as suas complexidades e contradições.

ROQUINALDO FERREIRA é professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos.